

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O JOGO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

*Caras de tártaros são sempre
iguais, ou etíopes são sempre
negros, mas quando se olha mais
cuidadosamente eles são todos
diferentes mas também parecidos*
(Filarete)

Jeferson José Moebus Retondar¹

RESUMO: *Essas reflexões fazem parte do V e último capítulo de minha dissertação de mestrado intitulada "Alguns Sentidos do Ato de Jogar". Busco na esteira das reflexões do jogo enquanto possibilidade classificatória, conceitual, na trama significativa entre o sagrado e o profano e na sua interface com o teatro, remetidas a partir de alguns sentidos que motivam os jogadores a jogar, tecer breves considerações sobre o jogo como prática pedagógica.*

UNITERMOS: *Jogo; Acaso; Seleção dos Melhores; Coletividade; Herói.*

Introdução

A nosso ver, o jogo deve ser trabalhado pela Educação Física muito mais como um conteúdo do que como um método. Significa dizer que, muito mais que um caminho facilitador para outros conhecimentos, ele é, em si, um conhecimento fundamental por excelência.

Sua força primeira reside no fato de seu caráter universalista: é um componente que está presente em todas as culturas. O jogo pode ser o ponto de partida para se conhecer a forma de organização social de uma cultura, com seus valores, crenças, mitos, hábitos, tradições, rituais, etc.

Jogar é uma ação profundamente significativa para o homem. O homem joga no jogo da linguagem, no jogo dos papéis sociais, na socialização, na relação amorosa, na descoberta de suas possibilidades e limitações, e continua jogando por que vive. Não é muito difícil convencer um aluno a participar de um jogo. Entretanto, é preciso que se faça dessa natureza motivadora inerente ao jogo um espaço fecundo de crescimento humano: espaço pedagogicamente trabalhado.

O jogo é eminentemente humano, pois simbólico, produtor de fantasias, de utopias, de projetos mediados pela intencionalidade desejante. É provável que seja por isso que o ato de jogar seja tão significativo para o homem.

É preciso que os professores de Educação Física reconheçam a grandeza do universo jogo, e mais, que reconheçam que o ato de jogar movimenta todos os elementos que fazem do homem um Ser diferente dos animais. A foca equilibra a bola muito bem no focinho, cachorros "jogam" futebol no circo, mas só o homem tem consciência daquilo que está realizando; só o homem faz de seu agir projeto; só o homem é capaz de fazer existir o jogo antes mesmo de jogá-lo; só o homem concebe o jogo como uma realidade diferenciada, significativa, prazerosa, como espaço de aventura.

Nesse sentido, sugerimos algumas reflexões para os professores de Educação Física e todos ; àqueles que trabalham com o jogo como prática pedagógica.

Sugestões

a) Fiquem atentos para o fato de que a seleção dos melhores silencia o fato da existência dos "piores". É preciso tomar cuidado para que a exacerbação dos melhores não estigmatize os ditos "piores" fazendo com que estes abandonem o jogo pela frustração, pela desilusão e/ou até pela humilhação fechando-se num mundo à parte.

O professor de Educação Física deve intervir nesta realidade, refletindo junto com seus alunos sobre o fato de que estar no mundo significa estar em permanente processo de luta, de embate, de contradições. Pode-se estar bem hoje, mas nada garante que o amanhã será o mesmo. Muito pelo contrário, para cada afirmação há uma negação, que cria uma elaboração, uma re-elaboração, e assim infinitamente. O aluno deve ser o construtor de sua existência e as condições objetivas para a emergência dessa construção devem ser oportunizadas pelo professor e por toda a equipe pedagógica.

É preciso elevar o moral dos vencidos não permitindo a eternização do rótulo de "piores". É preciso que o professor esteja preocupado em interferir de forma honesta e incisiva nessa realidade, sem paternalismos justificadores, que muitas vezes acabam reforçando mais ainda o sentido de inferioridade dos vencidos. Por exemplo, tomar os vitoriosos como referência possível e concreta de que os vencidos hoje podem ser os vencedores de amanhã, desde que sejam honestos, respeitem os companheiros e ajam com determinação e vontade.

Só há vencedores por que há vencidos. Ganhar uma prova de maratona com 50 concorrentes pode não ser um motivo de tanto orgulho quanto ganhar a mesma prova tendo

¹ Professor do Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

mais de 1000 participantes. Os vencidos são na realidade àqueles que legitimam o sucesso dos vencedores; quanto mais fortes forem as equipes numa disputa, mais legitimada será a vitória do "outro". Entretanto, a vitória é um momento passageiro; o sucesso não é perene, e é preciso que os alunos sejam orientados para extrair das adversidades elementos positivos para melhorarem e se auto-superarem posteriormente.

b) Valorizar aspectos referentes ao sentido de coletividade, enquanto oposição ao individualismo. Não acredito que um determinado tipo de jogo seja, por si só, socializador. No máximo têm-se jogos que oportunizam a comunicação não-verbal e verbal, e que, se não forem trabalhados não passarão de uma forma com o conteúdo diminuído. Não é o jogo que indica o conteúdo imaginário e sim os jogadores.

Cabe ao professor de Educação Física interferir com os alunos acerca da importância do espaço do jogo enquanto meio de interação social. Pode-se estar num jogo coletivo com interesses individuais, predominantemente particulares, da mesma forma que pode-se estar jogando fisicamente solitário, porém pensando coletivamente. Ratificando, a estrutura do jogo, suas regras, não garantem o conteúdo das ações dos jogadores.

Jogar significa entrar em jogo: cada aluno joga com sentimentos, crenças, valores, paixões, desejos e intenções conflitantes em relação ao "outro". Ao professor de Educação Física cabe o papel de interventor e mediador das diferenças individuais, canalizando-as para objetivos comuns ao grupo. Isto não significa anular aquilo que cada aluno traz de sua história de vida, mas dimensionar cada história de vida num empreendimento coletivo, onde cada um contribua com aquilo que pode oferecer.

Faz-se mister que o professor de Educação Física verbalize e jogue com seus alunos. Acreditamos que é a ação prática que constrói a realidade pedagógica: falar-fazer-refletir-re-fazer-fazer...

c) A sala de aula do professor de Educação Física é o campo, o ginásio, o pátio, a rua, a sala. É importante que o professor assuma esses lugares como sendo o seu lugar social de intervenção. Significa dizer que a diferença da prática pedagógica da Educação Física em relação às demais não deve fazer dela uma prática desigual, irrelevante, acessória. Nesse caso, é importante que o professor de Educação Física construa com seus alunos o espaço da autoridade, do respeito mútuo, o que, a nosso ver, passa pelo respeito à prática do jogo.

O jogo é um espaço de criação. Nele se constrói a auto-estima, o respeito ao outro como igual em direito, a cooperação, a solidariedade, da mesma forma que a inveja, a trapaça, o individualismo, a repetição, o estigma. Enfim, o jogo é um lugar de produção simbólica.

Sugerimos que o professor de Educação Física evidencie aspectos democráticos, valores que possam construir um futuro fecundo a partir de um presente apreendido. Por exemplo, as regras do jogo devem ser compreendidas enquanto orientadoras das ações dos

indivíduos, e não como determinantes destas. As regras possibilitam a mediação das subjetividades e, por se encontrarem em permanente transformação, não é um absurdo que os alunos queiram e possam transformar tais regras.

Não significa dizer que a tradição da forma de ser de alguns jogos deva ser totalmente abolida, ao contrário, significa que essa tradição deve ser situada diante das necessidades e particularidades do grupo, que, incorporando ou suprimindo alguns elementos, faz da história dos jogos construção, e não-re-produção.

d) Refletir sobre a presença do acaso enquanto elemento indissociável do jogo. Situar o aluno numa dimensão mais humilde frente à certeza do resultado. Nada garante que a equipe reconhecida como favorita ganhe, é preciso primeiro jogar. Primeiro, pelo fato de que esse reconhecimento é o reconhecimento de "alguns", segundo, porque é da natureza do jogo o imprevisível, o inusitado.

e) O professor de Educação Física não é um psicólogo, sociólogo, um filósofo, um médico, ou um analista, mas, a nosso ver, deve ter conhecimento de alguns pressupostos destas e de outras áreas do conhecimento. O aluno é um ser bio-ético-social, e quanto mais o professor estiver informado acerca do homem como um todo, mais eficiente será a sua ação pedagógica.

A criança não chega zerada à Escola. Faz-se mister que o professor tenha competência em decodificar códigos de linguagem (verbal e não-verbal) vivenciados na prática do jogo e remetendo-os às contribuições de diferentes áreas do conhecimento, para que possa ter um cabedal cada vez maior de informações acerca do seu aluno.

f) O jogo é um espaço diferenciado da realidade, mas aquele que joga não é um E.T. É preciso que esta noção de autonomia do jogo seja relativizada, sob pena dos alunos incorporarem a idéia de que o jogo é totalmente descolado da realidade, onde as ações de cada jogador nada têm a ver com sua personalidade, seus valores, suas crenças. A vida pode ser vista como um jogo, da mesma forma que jogamos de diferentes maneiras, em diversas situações, inclusive na escola.

g) O aluno tem de estar preparado para a ascensão do herói épico e preparado para a queda trágica. O professor deve discutir-refletir com seus alunos, mostrando que a importância do jogo não está só no resultado, mas, acima de tudo, em seu processo. Muitas vezes é com o erro, com a derrota, que costumamos aprender.

A nosso ver, deve-se extrair do jogo a sua natureza de movimento que se dialetiza entre pares de opostos que vivem em permanente tensão. Ou seja, os alunos têm de ser educados a conviver com a derrota, extraindo dela a força para a possível vitória, da mesma forma que a vitória engendra em si a derrota inevitável: perene, só a morte. A propósito, quando se está muito ressentido com alguma porta (derrota) que se fechou para nós, às vezes olhamos tão pesaroso e diminuídos para aquela que se fechou, que não percebemos à nossa frente outra que se abriu.

Considerações finais

Estes itens, fazem parte de algumas reflexões surgidas do diálogo sistemático e rigoroso entre produções teóricas de diversas áreas do conhecimento com a realidade empírica, fundamentada a partir do imaginário de alguns jogadores que jogam não só nas aulas de Educação Física mas nos diversos jogos da vida.

Respeitar a produção das fantasias, dos desejos, das crenças, dos mitos, símbolos e com eles também a racionalidade, o lugar socialmente incorporado pelos alunos, significa a possibilidade do educador contruir pontes de aproximação que possibilitará a emergência de um espaço cada vez mais fecundo para a realização da ação pedagógica.

Heidegger (1971) nos ensina que o aprender é mais difícil do que o ensinar porque ensinar quer dizer: deixar

aprender, isto é, se permitir aproximar do mundo do outro e consequentemente apresentar o seu mundo para juntos, professor e aluno construir novas possibilidades de se fazerem novos mundos. Eis a meu ver um grande ensinamento dos estudos realizados no campo do imaginário social.

Bibliografia

- HEIDEGGER, M *Was heibt denken?* Max Niemeyer, Tubingen, p. 50. Traduzido por Fernando Santoro. 1971.
- RETONDAR, J.J.M. *Alguns sentidos do ato de jogar.* (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. 1995.